



# MARIA ANTONIA: UM MITO?

*Maria Helena Bueno Trigo\**

*Resumo:* O objetivo deste artigo é fazer uma reconstrução do espaço da Faculdade de Filosofia da USP quando funcionava na rua Maria Antonia, décadas de 50 e 60, tomando como base depoimentos (publicados) de alunos, depois professores, dessa instituição.

O texto examina os códigos de sociabilidade praticados pelo grupo universitário e pretende, ainda, examinar os ritos instituídos, mostrando como essa reconstrução do passado deu origem a uma memória mítica.

*Palavras-chave:* Mito - Memória - Reconstrução - Sociabilidade - Rituais - Identidade - Grupo Universitário - Faculdade de Filosofia.

“– Mas, afinal quem é essa Maria Antonia de quem vocês não param de falar?

– Não é quem, é quê.

– Mas não é uma pessoa?

(diálogo de exílio, inverno dum ano dos anos 70)”

(CHAUI, 1988: 240)

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FFLCH-USP.





**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

E o que é a Maria Antonia? É memória e por isso multifacetada, é mito e por isso polissêmico. É, também, história como parte real na construção da cultura paulista.

Maria Antonia, reconstruída pela memória de um grupo, é um tempo e um espaço. Mas é, também, uma atmosfera e uma forma de relação. É o símbolo de um espaço, onde se podia criar e recriar idéias; foi, assim, crítica e resistência, alma do movimento estudantil nos anos 60 (OLIVEIRA E SILVA, 1988: 220). Mas, era por outro lado, um modo de existir, uma razão de ser e de pensar (LEOPOLDO E SILVA, 1988: 135).

Ela era continente para um grupo que se auto-reconhecia, nela vivia-se intensamente *onós* em oposição aos *outros*, os de fora. Era cenário intelectual e centro de debates políticos (SADER, 1988: 159). Lá se fundiam saber acadêmico, vida quotidiana e mais tarde militância revolucionária.

Apesar de uma curta existência como instituição, já se percebia tradição naquele espaço: como pano de fundo para as gerações de professores, assistentes e alunos que povoavam as salas e os corredores, os quadros de formatura com as fotografias dos professores, ainda jovens alunos, transmitiam silenciosamente a noção de continuidade (BEZERRA DE MENEZES, 1988: 131).

A Maria Antonia é o tempo em que São Paulo mal começava a se desenhar como uma metrópole onde emergia um sem-número de iniciativas culturais. Tempo em que o panorama cultural paulista sofria significativas transformações qualitativas, em que as atividades e expressões artísticas se diversificavam. Os movimentos em torno do cinema e do teatro, as exposições de artes plásticas tomavam conta da cidade, dando-lhe ares de metrópole cultural.

É na esteira dessas transformações no universo da cultura que se firma uma nova atividade intelectual, produto acadêmico baseado na pesquisa e na reflexão, deixando para trás o tempo de “um conceito de cultura assentado em pressupostos do diletantismo” (ARRUDA, 1992: 25).

A Maria Antonia é também um espaço. Espaço esse que extrapola o prédio da Faculdade de Filosofia e, de certo modo, a





própria rua onde o edifício se situava. Era um espaço abrangente que envolvia o quarteirão universitário (com as Faculdades de Filosofia, de Economia, a Escola de Sociologia e Política) e espraiava-se até o centro da cidade, tornando território seu as livrarias, os bares e cafés, o Museu de Arte ou especialmente a Biblioteca Municipal, espécie de *extensão* da Faculdade. As memórias e estórias do cotidiano da Maria Antonia têm como cenário qualquer ponto desse território expandido que, de certa forma, coincidia com o espaço cultural de São Paulo, ainda naquele tempo situado em torno do historicamente chamado *centro novo da cidade* (o “lado de cá” do Viaduto de Chá). São Paulo, por essa época, era “docemente provinciana” no dizer de Bento Prado, que, lembrando os bares e a Biblioteca Municipal dos anos 50, fala de uma juventude que tinha um contato global com a cultura, mostrando rebeldia diante de qualquer forma de compartimentação e doutrinário (PRADO JR., 1988: 3).

Havia unidade nos espaços e na população que os ocupava: tão importante quanto a sala de leitura da Biblioteca era o saguão, onde, à volta da estátua de Minerva, aconteciam intermináveis discussões das quais participavam indiferentemente os *políticos* e os *artistas*, ainda na classificação de Bento Prado. Da mesma forma, os bares com suas mesas de calçada, muito ao estilo parisiense, conviviam, e eram quase uma continuação da praça, com seus jardins e bancos públicos (a situação econômica dos participantes determinava onde se desenrolariam as conversas).

Ainda nos anos 50 esses bares eram sincréticos, não havia neles qualquer tipo de “especialização”; em torno de uma mesa reuniam-se a direita e a esquerda da Faculdade de Filosofia. Jovens com projetos científicos e políticos e outros interessados nas mais variadas expressões artísticas, fosse teatro, cinema, literatura. Em torno de um copo, jovens poetas, escritores ou teatrólogos iniciantes trocavam experiências e idéias com os filósofos ou sociólogos.

Era como se a sociedade global pudesse se espelhar inteira no espaço estrito de um bar, numa forma antes comunitária do que societária (PRADO JR., 1988: 3).

**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo





**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

Essas reconstruções feitas pelos membros de um grupo deixam claro que a Maria Antonia refere-se a um tempo por assim dizer primordial: é o início de uma universidade numa cidade que se inicia como metrópole cultural vivida por um grupo que se inicia na vida de trabalho.

Assim, essa reconstrução conectada com o passado e a memória toma o sentido de um mito que articula a identidade. Tomando da história alguns elementos e introduzindo outros, provavelmente já um tanto irreais, um grupo todo contribui para a construção da memória coletiva e mítica em torno da Maria Antonia.

É Eliade quem diz: o mito é sempre identitário e define-se por seu caráter de memória coletiva (ELIADE, 1968: 21). São tantas as memórias e histórias contadas e recontadas em torno da Maria Antonia que, ainda hoje, ao reunir-se um grupo de *iniciados*, é comum a conversa encaminhar-se para o -  *você lembra?*  E a revivência do tempo da Maria Antonia vai aos poucos tomando conta do grupo. A participação coletiva é oportunidade para que se completem e corrijam lembranças já meio esmaecidas pelo tempo. O sentido grupal das lembranças é marcante: cada fato, cada história fala de *nós*, como se cada um só existisse e só pudesse lembrar aquele tempo como fazendo parte de um todo.

A Maria Antonia é portanto um símbolo unificador do grupo social que lá viveu. É a volta a um passado, quase um sonho coletivo reconstruído e composto por um grupo que promove, assim, a continuidade entre o universo dos sonhos e dos mitos. O falar da Maria Antonia traz a sensação de sair do tempo, de superar o aqui agora e mergulhar em um tempo referido ao princípio. É quase como se essa volta atrás possibilitasse a revivência desse tempo. Resquício de comportamento mitológico é o desejo de transcender o presente e reencontrar a intensidade com que se viveu algo, recuperar um passado onde certas vivências ocorreram pela primeira vez.

Esse princípio feliz e prazeroso toma aspectos do tempo original: o tempo da união, o tempo anterior ao tempo de





realidade de cada um individualmente. De fato, era o tempo em que a cidade crescia aos poucos, ainda iniciante em seus contornos de metrópole, quando a vida era ainda bastante provinciana e as relações, apesar de urbanas, ainda não marcadas pelo individualismo exacerbado. Tempo em que a universidade na acepção plena da palavra nascia e se afirmava por um novo modelo de trabalho acadêmico e um modelo peculiar de sociabilidade. Tudo isso era vivido por um grupo que, por sua vez, também começava, debutava na vida, vivia seu último estágio de descompromisso antes de dar início à vida adulta de trabalho e responsabilidade. Fase de adolescência, idade da vida, sem dúvida, privilegiada. Particularmente privilegiada para os que, vivendo em São Paulo nos anos 40 e 50, puderam descobrir uma cidade que despontava ao mesmo tempo que descobriam a si mesmos (PRADO JR., 1988: 4).

Para Simmel (SIMMEL, 1983: 173) “se a própria sociação é interação, sua expressão mais pura e estilizada se dá entre iguais (...) visto que é abstraída da sociação através do jogo ou da arte, a sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente tipo de interação, a interação entre iguais”. Esse tipo de sociabilidade era o que dominava a atmosfera da Maria Antonia em seus primeiros anos de existência. Com uma população, de certa forma, homogênea, as relações eram de uma sociabilidade entre iguais.

Contribuíram, certamente, para o fortalecimento do mito as amizades profundas e duradouras que lá nasceram e os inúmeros casamentos, de maior ou menor duração, que ocorreram entre os alunos. No dizer de J. A. Giannotti, na Maria Antonia “estavam nossos amigos e nossos amores” (GIANNOTTI, 1988: 45).

Foi sem dúvida um tipo de sociabilidade um tanto peculiar e especial o que se viveu na Maria Antonia. Para a atmosfera de uma cidade como era a São Paulo da década de 50, o estabelecimento de grupos de amigos onde figuravam indiferentemente homens e mulheres era, de certa forma, extraordinário. Todo o clima da Faculdade, com as dependências destinadas ao lazer como o grêmio ou o bar onde circulavam indiferentemente alunos e jovens

**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo





**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

professores, propiciava um espaço de convivência e conversa que, ao fim do dia, prolongava-se nos jardins da Biblioteca ou bares da Rua São Luiz. Desenvolvia-se nessas ocasiões a arte da conversação: a propósito de qualquer tema, desenrolava-se uma troca de palavras e idéias que não tinha outro objetivo senão o legítimo propósito de conversar, de estar juntos, em suma, de viver essa comunidade universitária até seu limite.

Vivia-se na Maria Antonia uma sociabilidade universitária e intelectual de forma ampla e completa: os encontros, as conversas, os assuntos eram tão específicos que só os *iniciados* poderiam ter acesso. Era todo um grupo que se fechava em torno de si mesmo porque se entendia ao falar uma língua comum, inatingível aos estranhos.

Ainda, no dizer de Simmel (SIMMEL, 1983: 170), “a sociabilidade tem como alvo apenas o sucesso do momento sociável e, quando muito, a lembrança dele”. É uma forma de reunião onde as características pessoais devem ser, de certo modo, absorvidas pelo todo grupal. Imagina-se, pois, que formas de exacerbação personalística e imposições individualistas têm que ser atenuadas para a sobrevivência do todo. Para o autor, seria o *tato* a instância que preencheria a função reguladora das relações de cada indivíduo com os demais.

No entanto, parece que outros mecanismos atuavam para o êxito de uma sociabilidade que, de certa forma, sobreviveu aos anos de existência física da Maria Antonia pelas amizades e alianças que lá se fizeram e se conservaram através do tempo. Tanto num tipo de relação como no outro, parece ter havido um intenso jogo projetivo, com eleição de heróis e modelos. Um jogo no qual o comportamento de cada um era definido pelo contexto grupal. As necessidades e as fantasias do grupo como um todo é que definiam os papéis a serem assumidos pelos agentes. Assim, de certo modo, a fronteira grupal promove um entrelaçamento entre as personalidades presentes através de mecanismos praticados no nível inconsciente (MARTINS RODRIGUES, A., 1981: 54).

Como contraponto do cotidiano, as situações extraordinárias eram marcadas por um ritual rigoroso e preciso. Assim, a





cerimônia de defesa de tese pontuava ao mesmo tempo o valor do saber e a institucionalidade da carreira docente. Nesse momento, desenvolvia-se um ritual formal e de respeito em que as regras hierárquicas eram reforçadas em função da valorização do saber. Todo o rito destinava-se a deixar claras e evidentes as regras do jogo acadêmico: no momento da defesa de sua tese, deveria o candidato revelar dotes pessoais ligados à capacidade de expressão verbal e argumentação, aceitar críticas e sabendo se posicionar diante delas. A banca examinadora, colocada pela própria situação como detentora do poder, deveria demonstrar seu cabedal de saber, argüir de forma brilhante e ao mesmo tempo elegante e respeitosa. As regras do jogo deveriam ser plenamente respeitadas. Os papéis, tão definidos e marcados na cerimônia de defesa de tese, eram a seguir relativizados nas tradicionais festas oferecidas pelos candidatos aos examinadores e amigos. Nessas ocasiões de encontro festivo, o lado mais humano de cada um era enfatizado e havia lugar para se tornarem visíveis os papéis sexuais e os interesses pessoais.

A ritualização que envolvia a vida acadêmica da Maria Antonia cumpria o objetivo de destacar as identidades sociais. Da mesma natureza que o grupo social onde se realizava, o ritual colocava em foco aspectos talvez menos perceptíveis na rotina do dia-a-dia: uma rigorosa hierarquização, a valorização do saber e do uso da palavra, a importância da obtenção dos títulos para o cumprimento das etapas da carreira universitária.

Iniciaram-se os anos 60 e, continuando um processo já começado no fim da década anterior, a Faculdade envolvia-se mais e mais nos problemas do momento. Tem papel fundamental na Maria Antonia desse momento a atuação dos jovens docentes formados há pouco e com uma ampla produção que consolida a dos primeiros decênios.

Em meio a uma situação política em que dominava uma atmosfera popular e nacionalista, os jovens engajaram-se em movimentos mais ou menos radicais, interessados na cultura, através do teatro, do cinema, da poesia e das reformas de ensino.

Aos poucos, a radicalização vai se acentuando e reformas de base são propostas. A Faculdade vai deixando de ser uma “ilha

**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo





**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

intelectual” (CARDOSO, 1988: 30) e a participação na vida política do país toma conta de todo o espaço. Também começam a entrar em pauta, de modo mais significativo, as propostas de reformulação interna da própria universidade.

Nesse momento, rompe-se a sociabilidade descompromissada, as conversas e discussões deixam de ser pura arte de conversar e passam a centrar-se em torno de um tema preferido, dado pela atualidade da luta política. Surgem as organizações revolucionárias. A Faculdade passa a ser “o catalisador de toda uma fermentação ideológica e social em que as palavras de ordem eram conscientização e participação” (BEZERRA DE MENEZES, 1988: 122).

Essas transformações, essas mudanças tão intensas vieram trazer novas dimensões ao mito Maria Antonia: se nos anos 60 o pólo de ressonância da política brasileira foi o movimento estudantil, a Maria Antonia expressou plenamente esse compromisso. Foi lá que se viveu a passagem de movimentos reivindicatórios para um movimento ativo e participante. Dia a dia aumentava entre a população universitária a convicção de seu papel revolucionário. Houve, nesse momento, uma imposição da força estudantil por uma juventude que sentiu não mais precisar aguardar a idade adulta para exercer uma militância política ou influir nos modelos de comportamento. Surgia assim, em toda sua plenitude, o mito do poder jovem que teria infinitos desdobramentos a partir de então.

Intensificaram-se os questionamentos por parte dos jovens, desde os pressupostos da cultura até os comportamentos, tudo foi colocado sob crítica. Os moços se transformaram, durante algum tempo, na força mais viva da sociedade como fator principal na transformação das instituições. Politicamente, cultural, ética e até esteticamente, eles abalaram as concepções e os costumes (MELLO E SOUZA, A.C., 1988: 39).

Em 1964 há o golpe militar e a invasão da Maria Antonia. Depredações, detenção de professores e alunos, abertura de inquéritos, instauram um período de intimidação e repressão. A Maria Antonia transforma-se num baluarte de resistência.

Toda essa reativação do movimento estudantil no qual a Maria Antonia ocupa posição epicêntrica vai culminar no movimento





**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

de crítica e contestação que foi 68 (QUARTIM DE MORAIS, 1988: 122). O ano começa com a intensificação das perseguições, prisões, torturas e exílios, atingindo a todos indiscriminadamente. A culminância desse processo doloroso e melancólico deu-se no dia 3 de outubro: a Maria Antonia não só é invadida, como também metralhada e incendiada. É o fim, a Faculdade é esvaziada, seus ocupantes presos. Pouco depois, o decreto aposentando professores. É o esvaziamento dos quadros da Faculdade. A partir daí, perseguições, exílios, clandestinidade.

A mudança física para um espaço muito maior traz a fragmentação da Faculdade, mas o mito Maria Antonia, enriquecido por mais essa dimensão de culto aos heróis e à Revolução, vai manter vivos os anos vividos em nome de ideais, talvez utópicos ou ingênuos, mas certamente ousados e corajosos, em sua luta pela transformação.

É essa a história da Maria Antonia, reconstruída pela memória de um grupo e que, passando por um culto das origens, um peculiar sistema de sociabilidade e um ritual específico, termina rememorando e reverenciando seus heróis.

Ao lidar com esses acontecimentos, ao mesmo tempo engrandecedores e dolorosos, a memória oscila entre lembrança e esquecimento. São fatos que conduzem, muitas vezes, a um grande silêncio. Mas, no dizer de Davi Arrigucci, é preciso “arrancar do fundo, onde as idéias dançam mais livremente. Recompôr o tempo que nos escorreu pelos dedos como fumaça que vai deixando um perfume no ar. Recompôr um rosto” (ARRIGUCCI, 1981, APUD CARDOSO, 1988: 231).

Esse é o mito da Maria Antonia, que, *como* uma fala escolhida, talvez tenha se transformado em mensagem para as gerações seguintes. ■





**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

TRIGO, Maria Helena Bueno. Maria Antonia: a myth? **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, 2: 98-108, 1.sem. 1995.

*Abstract:* This article aims at reconstructing the social space of USP Philosophy's Faculty (Maria Antonia) during the 50's and the 60's, based on students and professors published memories.

The essay focuses on the practice of sociability code inside the group and also intends to examine the rites established and to show how the revival of the past allowed the creation of a mythic memory.

*Uniterms:* myth - memory - reconstruction - sociability - rites - identity - university group - Philosophy's Faculty of University of São Paulo.

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Maria Arminda Nascimento. *Sociologia do discurso acadêmico*. Paper apresentado no G.T. Pensamento social no Brasil, Anpocs, set. 1992.
- BEZERRA DE MENEZES, Adelia. Maria Antonia: década de 60. In: LOSCHIAVO, M. C. (org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 118-131.
- CARDOSO, F. Henrique. Memórias da Maria Antonia. In: LOSCHIAVO, M.C. (org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 27-34.
- CARDOSO, Irene. Os acontecimentos de 68. Notas para uma interpretação. In: LOSCHIAVO, M.C. (org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 229-239.
- CHAUI, Marilena. Um lugar chamado Maria Antonia. In: LOSCHIAVO, M.C. (org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 240-255.





ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1968.

**Maria Antonia: um mito?**  
Maria Helena Bueno Trigo

GIANNOTTI, J.A. Maria Antonia: uma certa geração da Faculdade de Filosofia.  
In: LOSCHIAVO, M.C. (org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 44-49.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. Rua Maria Antonia In: LOSCHIAVO, M.C. (org.) *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 132-136.

MARTINS RODRIGUES, Arakcy. Dinâmica grupal e indivíduo no sistema de distribuição de privilégio na família. *Cadernos de Pesquisa*, nº 37, São Paulo, maio, 1981.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido. O mundo coberto de moços. In: LOSCHIAVO, M.C. (org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 35-39.

PRADO JUNIOR, Bento. A biblioteca e os bares na década de 50. "Folhetim", *Folha de S. Paulo*. São Paulo, janeiro de 1988.

OLIVEIRA E SILVA, José Dirceu. Maria Antonia: rebeldia, inconformismo e verdade. In: LOSCHIAVO, M.C. (org.) *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 217-221.

QUARTIM DE MORAIS, João. Na Maria Antonia dos anos 60: a reforma da filosofia e a revanche dos golpistas. In: LOSCHIAVO, M.C. (org.) *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 106-113.

SADER, Eder. Duas invasões. In: LOSCHIAVO, M.C.(org.). *Maria Antonia: uma rua na contramão*. São Paulo, Nobel, 1988, pp. 159-166.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: Um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo (org.) *Sociologia*. São Paulo, Editora Ática, 1983.